

INFÂNCIA, PERFORMANCE E INTERSECCIONALIDADE: APROXIMAÇÕES COM A PRODUÇÃO CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA NOS CAMPOS DAS ARTES CÊNICAS E DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo desvelar os estudos recém-publicados sobre infância, performance e interseccionalidade em interface com narrativas de crianças pequenas. Foi realizado um levantamento em três bases de dados: a) Portal de Periódicos da CAPES (2015-2020); b) Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) (2013-2019); c) Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE) (2013-2019), totalizando 22 estudos. Os dados foram analisados qualitativamente, com inspiração na análise de conteúdo (BARDIN, 2011). O *corpus* analisado evidencia a relevância das investigações elencadas, que discutiram as temáticas supracitadas de acordo com seus contextos, perspectivas teóricas e metodológicas, em uma abordagem interdisciplinar de saberes e campos do conhecimento, de modo a potencializarem diálogos entre a pesquisa em artes cênicas e a educação estética de crianças pequenas.

Palavras-chave: Estado da Arte; Infância; Performance; Interseccionalidade; Pesquisa com Crianças.

CHILDHOOD, PERFORMANCE AND INTERSECTIONALITY: APPROACHES TO CONTEMPORARY SCIENTIFIC PRODUCTION IN THE FIELDS OF PERFORMING ARTS AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This article aims to unveil the recently published studies on childhood, performance and intersectionality in interface with young children's narratives. A survey was carried out in three databases: a) CAPES Periodicals Portal (2015-2020), b) Annals of Meetings of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPED) (2013-2019); c) Proceedings of the Meetings of the Brazilian Association for Research and Graduate Studies in Performing Arts (ABRACE) (2013-2019), totaling 22 studies. The qualitative analysis of the data was freely inspired by the content analysis (BARDIN, 2011). The corpus analyzed shows the relevance of the listed investigations, which discussed the aforementioned themes according to their contexts, theoretical and methodological perspectives, in an interdisciplinary approach of knowledge and fields of knowledge, in order to enhance dialogues between research in performing arts and the aesthetic education of young children.

Keywords: State of the Art; Childhood; Performance; Intersectionality; Research with Children.

¹ Professora da educação básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, mestre em Educação e especialista em Educação Infantil pela mesma universidade. E-mail: deborasalesvieira19@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8507221898695817>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1954-6700>

Primeiras palavras

“De todas as coisas seguras, a mais segura é a dúvida.”

(Bertolt Brecht)

O texto em epígrafe do dramaturgo alemão Bertolt Brecht reflete o cerne da pesquisa científica, pois esta parte de uma dúvida, que se torna um problema de pesquisa. Aqui parto da seguinte dúvida: quais seriam as pesquisas científicas realizadas sobre infância, performance e interseccionalidade anteriores à pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado em Artes Cênicas? Este artigo² se inscreve no contexto de revisão de literatura e tem como recorte a produção acadêmica brasileira sobre infância, performance e interseccionalidade em interface com narrativas de crianças pequenas. Com o objetivo de desvelar os estudos recém-publicados sobre a temática citada, realizei um levantamento em três bases de dados: a) Portal de Periódicos da CAPES para pesquisa de artigos científicos (2015-2020); b) Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2013-2019); c) Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (2013-2019).

A revisão de literatura em pesquisa qualitativa cumpre vários propósitos, pois partilha com a leitora e com o leitor os resultados de outros estudos que estão diretamente relacionados àquele que está sendo realizado no momento, sinaliza as produções já existentes e, sobretudo, revela as lacunas teóricas dentro do tema pesquisado (CRESWELL, 2010). Essas pesquisas são motivadas pela necessidade de se obter uma visão organizada e atualizada das produções científicas de uma determinada área, possibilitando ao pesquisador e à pesquisadora examinar e identificar detalhamentos teóricos e metodológicos das produções acadêmicas (CAMPOLINA; MITJÁNS MARTINEZ, 2013).

Nesta jornada de investigação, percebi ser necessária a utilização de diferentes descritores, conforme o desenho de cada base de dados, para me aproximar da produção científica contemporânea, totalizando 22 estudos. A análise qualitativa desse *corpus* foi realizada com base na categorização das temáticas presentes, inspirada livremente na análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Na perspectiva da análise de conteúdo, as categorias são vistas como rubricas ou classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns. No processo de escolha de categorias, adotam-se os critérios semânticos (temas), sintático (verbos, adjetivos e pronomes), léxico (sentido e significado das palavras – antônimo ou sinônimo) e expressivo (variações na linguagem e na escrita). Este processo permite a junção de um número significativo de informações organizadas em duas etapas: inventário (onde isolam-se os elementos comuns) e classificação (onde dividem-se os elementos e impõem-se organização).

Descritores: uma busca por palavras, pessoas e percursos de pesquisa

A produção acadêmica brasileira com/sobre as crianças e suas infâncias têm vivido um momento de ascendente crescimento nas últimas décadas, em diferentes campos do saber como a Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Geografia entre outros. Essa diversidade epistemológica por si já se constitui como uma potência, contudo se coloca como desafio a busca de parceiras pesquisadoras e de parceiros pesquisadores para um diálogo mais aprofundado na construção de uma tese.

Como informei anteriormente, utilizei diferentes descritores para cada base de dados pesquisada. Pode parecer à primeira vista incoerente buscar por pesquisas com palavras distintas, porém essa foi a

estratégia utilizada para diminuir as distâncias entre a infância, performance e interseccionalidade em interface com narrativas de crianças pequenas nessas bases de dados. No portal de periódicos da CAPES, ambiente virtual que oferece acesso a artigos completos de revistas acadêmicas nacionais e internacionais, foram utilizados três pares de descritores: a) infância e performance; b) infância e interseccionalidade; e c) infância e narrativas, pois ao tentar realizar uma busca com a combinação infância-performance-interseccionalidade não foi encontrada nenhuma publicação no recorte temporal de 2015-2020.

Ao realizar na plataforma a busca com o primeiro par, foi levantado um volume alto de pesquisas que reconheciam performance como desempenho/capacidade, distanciando-se do conceito de performance proposto nessa pesquisa. Para esta pesquisa:

[...] *Performance* não é outra coisa senão a junção idiossincrática entre ser e fazer. Aquilo que a tradição educacional se esmerou em separar reencontra na *Performance* uma possibilidade infinita de variação, de criação. O corpo aparece não mais como algo a ser docilizado, mas como algo a ser potencializado, colocado no centro da atividade. *Performance* e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo. Não há *Performance* sem o olhar do outro, portanto falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir. (ICLE, 2013, p. 21 *apud* ICLE; BONATTO, 2017, p. 24).

Na pesquisa com o segundo par, surgiram nos resultados artigos relacionados ao feminismo, em especial o feminismo negro; e a infância, de um modo geral, aparecia apenas como um recorte temporal da vida de mulheres adultas. O último par gerou um número considerável de artigos, apontando uma produção acadêmica emergente, contudo apareceram inúmeras pesquisas com/sobre adultos e nos quais a infância se inscrevia apenas como parte de suas narrativas. Desse modo, selecionei nove artigos para essa aproximação inicial com a produção empírica disponível na plataforma.

Diante desse quadro, vi como necessária a pesquisa em anais de eventos acadêmicos para estabelecer um diálogo com a produção empírica recente nos campos da Arte e da Educação Infantil. Nesse sentido, a escolha de outros descritores foi importante, pois as páginas dessas associações não dispõem de ferramenta de busca por palavras-chave como o portal de periódicos da CAPES, logo foi realizada, inicialmente, a leitura dos resumos para identificação de pesquisas compatíveis com a temática abordada e posterior análise dos textos completos.

A pesquisa nos Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2013-2019) se limitou aos trabalhos apresentados no GT 07 – Educação das crianças de 0 a 6 anos e Educação Infantil. É interessante destacar que não foi encontrada nenhuma pesquisa que abordasse os conceitos de interseccionalidade e performance. Nesse sentido, foram selecionadas seis pesquisas que tratavam de: narrativas; arte; corpo; participação infantil e relações étnico-raciais para esse diálogo. Para a pesquisa nos Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (2013-2019), foi realizada uma busca em todos os GTs, com enfoque em artigos que abordassem: infância, performance, pedagogia teatral e escola da infância, totalizando cinco trabalhos que poderiam favorecer aproximações epistemológicas.

Após a leitura desse total de 22 pesquisas, percebi que 18 pesquisas foram desenvolvidas por pesquisadoras mulheres e apenas 04 foram desenvolvidas por pesquisadores homens, sendo que duas dessas foram em coautoria com pesquisadoras. Desse modo, evidencia-se que no campo de estudos da infância, seja em contextos de escolarização, acadêmico e/ou de militância política há uma preponderância da presença feminina. A educação infantil surge como um direito das crianças a partir da histórica luta

feminista pelo acesso e expansão dessa etapa pelas mães trabalhadoras.

Todavia, também identifiquei nessas publicações selecionadas um volume de autoras e autores referenciados nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, evidenciando o foco de universidades brasileiras na temática das infâncias. Reconheço o limite de um breve recorte empírico como o apresentado nesse artigo, porém é possível questionar se a produção acadêmica é maior nas Regiões Sul e Sudeste ou apenas ocupam espaços privilegiados para publicização da produção acadêmica em revistas científicas e em reuniões das associações de pós-graduação? Quais seriam as relações de poder envolvidas nesses processos de territorialização do saber?

Contudo, destaco que o maior êxito de uma jornada como essa foi a possibilidade de vislumbrar como estão sendo desenvolvidas as pesquisas envolvendo infância, performance e interseccionalidade em interface com narrativas de crianças pequenas em alguma medida. Pois, a partir destes diálogos foi possível vislumbrar percursos singulares de produção de conhecimento e como esses trajetos consideraram as crianças como colaboradoras no processo empírico, sem exotizá-las ou objetificá-las, evidenciando um avanço ético e político nas pesquisas com/sobre crianças pequenas.

Nesse sentido, realizei a categorização do *corpus* da pesquisa em três eixos de discussão, conforme: a) Corpo-infância: aproximações com uma pedagogia performativa; b) Classe, raça e gênero de crianças pequenas: interseccionalidades invisibilizadas; c) "Pode o subalterno falar?" - diálogos epistemológicos com/sobre as infâncias plurais.

Corpo-infância: aproximações com uma pedagogia performativa

A partir do conceito de *criança-performer*, de Marina Marcondes Machado (2010), no qual as noções de *performance* e de *performer* são potentes para a compreensão da criança e do tempo das infâncias, como período marcado pelo desenvolvimento da oralidade, pelo corpo vivido, pela experiência intensa estabelecida nas relações com o mundo, diálogo com as demais pesquisas desse levantamento. Ao compreender que os corpos são constituídos de suas vivências, singularidades e subjetividades corporificadas, pois a performance "[...] vive nas encruzilhadas entre a tradição e a transgressão entre a continuidade e a possibilidade." (PINEAU, 2010, p.106).

Corroborando com essa ideia, Márcia Buss-Simão e outros (2010) afirmam que a corporificação é compreendida como papel ativo das crianças, que, por meio dela, assimilam e reproduzem, mas também produzem o novo, construindo e reconstruindo seu mundo. Qual é o lugar que os corpos-infância ocupam nas instituições educativas da infância, com sua materialidade palpável? Sobre isto, Daniel Tício (2017) afirma que os processos de inscrição e apagamento são vividos no corpo, ou seja, a vivência da criança no cotidiano escolar é uma vivência corporal. "Este é o lugar alquímico em que a inscrição e o apagamento sucedem, estabelecem trocas entre si, e encontram linhas de equilíbrio" (TÍCIO, 2017, p. 104). Este corpo-lugar vivido exprime as concepções que norteiam os fazeres pedagógicos cotidianos das instituições educativas.

Nesse sentido, Amanda Modesto (2019) evoca a expressividade pela corporeidade, discutindo e propondo a centralidade do corpo "[...] como possibilidade de vivência para a educação e para o saber sensível, como um elemento primordial à formação humana" (MODESTO, 2019, p. 9). Para uma organização do trabalho pedagógico que priorize a educação sensível, é interessante evocar memórias estéticas vividas pelas crianças e pelas pessoas adultas, como parte da constituição subjetiva de quem ensina e de quem

aprende.

Para Tatiana dos Santos Duarte e Eduarda Azevedo Gonçalves (2019), investigar um processo poético é resgatar memórias que não são facilmente localizáveis. No ato, pela execução de ações com o corpo, uma prática de vida em obra se mostra. Para as autoras, ao utilizarem em sua pesquisa objetos e vídeo como olhar, perceberam que os processos poéticos se tornam um meio/obra da *performance*. Nesse sentido, observam as autoras:

Trago à tona as coisas-memória do cotidiano, colocando inquietações do presente e de um passado. A ação precisa estar afiada com a intuição, ela não é evidente, mas conforme a proposição se faz, vão se localizando os pontos e as linhas que se ligam aos objetos, ao meu gesto. (DUARTE; GONÇALVES, 2019, p. 7).

Carla Andréa Corrêa (2017) investiga a formação e o desenvolvimento profissional dos professores de educação infantil e reconhece a experiência sensível através do olhar, escutar, tocar, provar, degustar, cheirar, pensar, sentir, imaginar, criar, como uma dimensão essencial da formação docente, que pode ser ampliada no corpo, além dos limites de um conhecimento inteligível do mundo. A autora destaca a potência da Arte para ampliação de sentidos e percepções do mundo. Taís Ferreira (2012), que também atua na formação inicial de professores, redimensiona o papel do corpo e da imaginação através da dança e das artes cênicas como vivência estética na formação de pedagogos. Para Cabral e Mota,

Jogos rítmicos entre os bebês, seus pais e educadores, funcionam como um importante veículo para o entendimento dos diferentes ritmos internos, próprios de cada indivíduo, suas variações e suas diferentes formas de expressão, proporcionam uma maior integração emocional e social destes (2014, p. 5).

Tiago Cruvinel (2012) problematiza a postura adultocentrista presente em concepções de infância que não vislumbram a singularidade na criança do século XXI. O autor entende que “a criança é um ser ativo na construção dos seus sentidos e do seu conhecimento no processo de aprendizagem. Elas não sabem menos, elas sabem outras coisas” (CRUVINEL, 2012, p. 3). Nesse sentido, reitero que as crianças são produtoras de culturas, em um movimento dialético no qual as constituem e são por elas constituídas. Nesse sentido,

,[...] as culturas infantis inscritas nos encontros e experiências estéticas, de corpos inteiros, de ludicidade e poeticidade na diversidade de classe social, etnia, gênero, idade, geração. (PRADO, 2019, p.11).

Patrícia Prado (2019) afirma que as crianças compreendem os sentidos propostos nas brincadeiras e as transformam em outras, revelando expressões e manifestações culturais próprias de seus grupos infantis.

Classe, raça e gênero de crianças pequenas: interseccionalidades invisibilizadas

Carla Akotirene (2019) apresentou-me não apenas o conceito interseccionalidade, mas sobretudo uma lente teórica que tem sido construída com a luta e a resistência epistemológica e política de mulheres negras, que com suas histórias, seus saberes e seus afetos têm escrito novas possibilidades de análise do racismo, feminismo e da luta de classes. Pois, compreender o conceito interseccionalidade, aqui, vai além do nosso

conhecimento matemático do termo intersecção que é um conjunto de elementos que simultaneamente pertencem a dois ou mais conjuntos. A interseccionalidade extrapola essa ideia de fragmentação, pois apresenta um conceito de unidade, não são as partes (mulher+negra+trabalhadora) que constituem o todo, ao contrário, pois ao invés de somar identidades, analisam-se:

[...] quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. (AKOTIRENE, 2019, p.43).

Presente implicitamente desde os clássicos estudos de Fúlvia Rosemberg (1996), que alertavam para a subalternidade das crianças na educação infantil, na qual os marcadores de classe, raça, gênero e idade já posicionavam as crianças em condições sociais de existência distintas, percebo o conceito de interseccionalidade como uma lente teórica que se dimensiona como uma possibilidade de leitura da realidade nas infâncias, de modo que preconiza a indissociabilidade desses marcadores na constituição dos sujeitos desde a primeira infância.

Tarcia Regina da Silva (2017), ao investigar a autoidentificação racial de crianças pequenas, afirma que houve uma variação de gênero dos meninos e das meninas que se reconheceram como pretos/as, pois os meninos apresentaram um mal-estar com a sua condição de criança e negra; em contrapartida, as meninas demonstraram orgulho e prazer. A autora alerta que essa diferença de gênero pode ser explicada pela intensificação de estratégias pedagógicas centradas nas meninas, e da não percepção ainda que ser menina e negra é diferente de ser menino e negro, pois ambos necessitam de tratamentos singulares. Eduarda Souza Gaudio (2015), em sua pesquisa sobre a perspectiva das crianças pequenas acerca das dimensões étnico-raciais na educação infantil, percebeu que:

As crianças demonstraram através das relações efetivadas com seus pares que a dimensão étnico-racial esteve sempre associada aos aspectos corporais de gênero, desempenho, forma, cor e estatura. Em suas brincadeiras, ações e diálogos as crianças demonstravam suas concepções acerca da categoria étnico-racial, reproduzindo de modo próprio muitos dos preconceitos e estereótipos existentes no contexto social em que vivenciam. (GAUDIO, 2015, p. 14)

Silvia Helena Vieira Cruz (2015) reitera que “a escuta da criança demanda um esforço muito grande no sentido de captar a sua maneira peculiar de, naquele momento, se relacionar com o mundo” (CRUZ, 2015, p. 13). Nesse sentido, ao tratar da discriminação étnico-racial entre crianças de três anos, a autora salienta que condições sociais têm um peso bastante relevante, mas as experiências vividas concretamente pelas crianças dão um sentido peculiar ao que elas se apropriam, aos sentidos que elas atribuem às coisas.

Deise Arenhart (2013) afirma ainda que todas as crianças se situem dentro da categoria geracional infância e isso as coloca em uma série de experiências comuns, somam-se ao pertencimento geracional outras variáveis sociais, como classe, etnia, raça, gênero, lugar geográfico etc. A interseccionalidade de categorias refuta a ideia de homogeneidade nas culturas da infância, de modo que outras categorias se somam na produção das condições sociais singulares.

[...] a classe social foi considerada como principal fator de diferenças e desigualdades, enquanto que a geração foi vista como propulsora da possível identidade das culturas da infância e de

sua diferença em relação aos adultos. (ARENHART, 2013, p. 5).

Adriano Souza Senkevics e Marília Pinto de Carvalho (2016), em pesquisa sobre escolarização de crianças em camadas populares, constataram que embora as crianças estejam inseridas em um contexto sociocultural ancorado em uma dicotomia sexual acentuada, com tendência à polarização de homens e mulheres em esferas desiguais de poder e privilégio, as meninas se mostraram capazes de se apropriarem dessas realidades para potencializarem suas capacidades e perspectivas.

Amanaiara Miranda (2014) em sua investigação sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil problematiza os padrões hegemônicos e amplia a discussão sobre o caráter social envolvido em processos identitários na infância, conforme:

[...] identidade é um processo de construção que não realizamos de forma totalmente autônoma, sozinhos. Identidade sempre é relacional, depende do diferente, do Outro, da diferença para que saibamos quem não somos. É importante demarcar também que as identidades adquirem sentido através da linguagem. Elas são marcadas por meio de símbolos. O processo de identificação envolve a subjetividade. (MIRANDA, 2014, p. 193).

Sandro Vinicius Sales Santos e Isabel de Oliveira Silva (2020) esclarecem que mesmo que as crianças alinhem suas condutas às estruturas de gênero impostas pelos adultos, isso não indica passividade aos processos de fabricação de sujeitos gendrados. Ao considerar a agência³ de meninos e de meninas, vislumbra-se que a apropriação das relações de gênero por parte das crianças envolve “[...] engajamento e participação ativa deles/as, processo que evidencia possibilidades reais e uma multiplicidade de formas de vivenciar as masculinidades e as feminilidades” (SANTOS; SILVA, 2020, p. 22).

“Pode o subalterno falar?” - diálogos epistemológicos com/sobre as infâncias plurais

Gayatri Spivak (2010) na sua clássica obra desvela as relações de poder no campo econômico, epistêmico e cultural, numa perspectiva pós-colonial, e nesse sentido, percebo que as crianças e suas infâncias ocupam também um lugar de subalternidade, no qual são constantemente silenciadas. Foi assumida uma postura de diminuição das hierarquizações entre adultos e crianças, nas quais a participação das crianças e suas vozes foram consideradas e valorizadas na produção empírica pesquisada.

Fabiana de Oliveira (2015) na sua investigação sobre a participação de crianças em espaços públicos apresenta sete princípios de uma participação considerada democrática, conforme: a) as crianças devem compreender do que se tratam os projetos e qual é o seu papel; b) as relações de poder e as estruturas de tomada de decisões devem ser transparentes; c) as crianças devem ser envolvidas nos estágios iniciais de algum projeto que venha ser desenvolvido; d) todas as crianças devem ser tratadas com igualdade de direitos, considerando sua idade, situação, etnia, habilidades e outros fatores; e) as regras devem ser estabelecidas com as crianças desde o início dos projetos; f) a participação deve ser voluntária e deve ser permitida a saída das crianças em algum estágio quando desejarem; g) devem ser respeitadas as perspectivas e experiências infantis.

Em vista disso, segundo Oliveira (2015, p. 15),

3 Farias; Weller; Wiggers (2022, p. 166) ao abordarem o conceito de agência de crianças preconizam que “[...] refere-se a suas capacidades de construir e criar significados além de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito. Essa perspectiva supera a ideia de que elas seriam apenas passivas em processos de socialização, ou integrantes incompetentes da sociedade.”

A ampliação dos direitos da criança à participação não pode ignorar a diversidade de contexto em que as crianças vivem; não podem ter um caráter de universalidade; devem considerar as crianças reais, em seu cotidiano, com as suas experiências diárias de vida carregada de conflitos e contradições.

Samy Lanski (2013), em sua pesquisa sobre a presença de crianças em espaços públicos, destaca que ao imprimir atenção às especificidades dos sujeitos e não somente das questões macroestruturais (economia, transporte, segurança etc.), pode constituir uma inversão na lógica do planejamento. Assim, “Cabe reiterar o direito das crianças ao tempo livre, ao tempo de brincar e o direito de circular pela cidade” (LANSKI, 2013, p. 30).

Larissa Escarce Bento Wollz e Francisco Romão Ferreira (2017) reafirmam o brincar como atividade ordenadora da experiência social na narração das histórias de vida e nas práticas cotidianas infantis de crianças do Movimento de Trabalhadores Sem-Terra. Para a autora e para o autor, o conteúdo das brincadeiras coletivas evidenciava a expressão do lugar social de participantes de um acampamento ao brincarem de assembleia. Os discursos e práticas dessas crianças indicam algumas especificidades da vivência no campo e o aprendizado com o trabalho na terra, e também o pertencimento a um movimento social organizado na estruturação de sua identidade, de modo que a presença e a participação das crianças são destaques nas mobilizações e eventos realizados pelo MST.

Rita de Cácia Oenning da Silva (2015) afirma que o evento narrativo expressa e constrói a própria subjetivação do narrador e sua capacidade de fazer interagir mundos em diferentes níveis, contextualizando e recontextualizando histórias, incluindo a sua própria. Desse modo, reitero que a experiência narrativa é um aspecto fundamental para a expressão e constituição de sujeitos em qualquer fase da vida. Sendo assim,

Constroem através do ato de narrar não somente histórias inusitadas e cheias de criatividade, com desfechos também inusitados e abertos; constroem relações entre os seus e seus outros – agregam-se, desagregam-se, concordam e discordam, jogam com a convenção, jogam com a invenção. (SILVA, 2015, p. 14).

Adriana Regina de Jesus Santos (2019) aponta o desafio de ressignificar o cotidiano escolar, considerando as narrativas das crianças, ao desenvolver uma “Pedagogia da Escuta”, na qual as crianças conhecem a escola e esse conhecimento reverbera na proposição de uma práxis pedagógica emancipadora, na qual a instituição educativa seja compreendida como:

[...] um espaço de formação humana, de valores sociais, do conhecimento crítico e criativo, contribuindo para a formação emancipada e lúdica da criança, pois esta precisa ser entendida como um ser humano **histórico, social e em construção**. (SANTOS, 2019, p. 16, grifo nosso).

Para não concluir

A partir do levantamento nessas três bases de dados: a) Portal de Periódicos da CAPES para pesquisa de artigos científicos (2015-2020); b) Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2013-2019); c) Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (2013-2019), destaco que a produção acadêmica copilada neste artigo ilustra um movimento de pesquisa interdisciplinar de saberes e campos do conhecimento de modo a potencializar diálogos entre

as Artes Cênicas, em especial nos Estudos da Performance e a Educação de crianças pequenas.

Nesse sentido, foi possível vislumbrar a pertinência e a singularidade da minha tese em construção que visa compreender as percepções das crianças pequenas de seu contexto social por meio de suas próprias narrativas em instituições educativas do Distrito Federal, com enfoque nas interseccionalidades constitutivas das *performances* narrativas infantis. Considero ainda necessária a ampliação desta pesquisa da produção acadêmica sobre a temática abordada, mediante a busca no Banco Digital de Tese e Dissertações – BDTD para ampliação do escopo, através do diálogo com autoras coetâneas e autores coetâneos de teses e dissertações.

Enfatizo que as pesquisas citadas neste artigo assumem um papel importante no contexto de investigações sobre infâncias, *performance* e interseccionalidade em interface com narrativas de crianças pequenas no Brasil, porque se configuram como estudos que abordam essa temática de acordo com seus contextos, perspectivas teóricas e metodológicas peculiares. As pesquisas supracitadas geram visibilidade às singulares formas de expressão das concepções assumidas sobre o tema e podem oferecer subsídios às pesquisas futuras, oportunizando formas de análise alternativas à que foi desenvolvida nesse artigo e finalizo com as palavras de Bertolt Brecht que nos diz que: “A ciência conhece um único comando: contribuir com a ciência.”

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Editora, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- ARENHART, Deise. Culturas infantis em contextos desiguais: marcas de geração e classe social. **Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd**, UFG: Goiânia, 2013. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/culturas-infantis-em-contextos-desiguais-marcas-de-geracao-e-classe-social>> Acesso em: 21 jul. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRECHT, Bertolt. Citações. Disponível em: <https://citacoes.in/citacoes/567008-bertolt-brecht-de-todas-as-coisas-seguras-a-mais-segura-e-a-duvi/> <https://citacoes.in/citacoes/606783-bertolt-brecht-a-ciencia-conhece-um-unico-comando-contribuir-com/> Acesso em: 15 nov. 2022.
- BUSS-SIMÃO, Márcia.; MEDEIROS, Francisco Emílio de; SILVA Ana Márcia; FILHO, João Josué da Silva. Corpo e infância: natureza e cultura em confronto. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26 , n.03 , p.151-168 , dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/NdhG4Brn8nYjdCFhL3Jhmwb/?lang=pt>> Acesso em: 21 jul. 2021.
- CABRAL, Fernanda Alvarenga; MOTA, Marcus Santos. Ritmo em cena na primeira infância: O teatro para bebês e a construção de novas linguagens teatrais. **Anais do VIII Congresso da ABRACE: Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações**: Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1993>> Acesso em: 21 jul. 2021.
- CAMPOLINA, Luciana de Oliveira, MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A pesquisa sobre inovação educativa no Brasil. In: BRUNO-FARIA, M. de F., VARGAS, E. R., MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; (Orgs.). **Criatividade e Inovação nas organizações**: desafios para a competitividade. São Paulo: Atlas, 2013.
- CORRÊA, Carla Andrea. Educação infantil, arte e formação de professores: escuta e narrativas. **Anais da 38ª Reunião da ANPED**, UFMA: São Luiz, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/poster_38anped_2017_GT07_493.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CRUVINEL, Tiago. A criança-ator. **Anais do VII Congresso da ABRACE: Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações**: Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index>>

php/abrace/article/view/2270 Acesso em: 21 jul. 2021.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Considerações acerca da discriminação étnico-racial em crianças pequenas. **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED**, UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-4024.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.

DUARTE, Tatiana dos Santos; GONÇALVES, Eduarda Azevedo. As Coisas-memória na Arte da Performance. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society** V. 05, ed. especial, abr., 2019. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1151> Acesso em: 21 jul. 2021.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; WELLER, Wivian; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 37, Número 1, Janeiro/Abril 2022. p. 163-192, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3WdXScyjQBd38DLT9yKmXRH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 nov. 2022.

FERREIRA, Taís. Corpo e imaginação nos anos iniciais: como instigar professoras pedagogas? **Anais do VII Congresso da ABRACE: Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações**: Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/2458> Acesso em: 21 jul. 2021.

GAUDIO, Eduarda Souza. Dimensão étnico-racial na educação infantil: um olhar sobre a perspectiva das crianças. **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED**, UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-3713.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.

ICLE, Gilberto; BONATTO, Monica Torres. Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. **Caderno Cedes**, v. 37, n. 101, 2017, p. 7-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/5qxLFTmsgrbv8nZsBRt6ZLF/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 21 jul. 2021.

LANSKY, Samy. Espaços urbanos com crianças. **Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPED**, UFG: Goiânia, 2013. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/espacos-urbanos-com-criancas> Acesso em: 21 jul. 2021.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**. v. 35(2), maio-ago, 2010, p.115-137. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11444> Acesso em: 21 jul. 2021.

MACHADO, Marina Marcondes. Nuvem de Teatralidade: dramaturgias do espaço da Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG. **Anais do VIII Congresso da ABRACE: Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações**: Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1996/0> Acesso em: 21 jul. 2021.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana de. Gênero/sexualidade/diversidade sexual no âmbito da educação infantil. **Cronos: Rev. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 15, n. 2, p. 185-200 jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/8229> Acesso em: 21 jul. 2021.

MODESTO, Adriana. Performance, memória e educação. **Anais da X Reunião Científica ABRACE**: Campinas, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4515> Acesso em: 21 jul. 2021.

OLIVEIRA, Fabiana de. A criança e sua relação com a sociedade: considerações sobre a participação infantil nos espaços públicos. **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED**, UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-3885.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação & Realidade**. v.35(2), maio-ago, 2010, p.115-137. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/14416> Acesso em: 21 jul. 2021.

PRADO, Patrícia Dias. Performance, educação e primeira infância: “vamos juntas a cruzar la plaza corriendo sin miedo?”. **Anais da X Reunião Científica ABRACE**: Campinas, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4425> Acesso em: 21 jul. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)**, São Paulo, v. 96, p. 3-86, 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/814> Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus. O que as crianças dizem sobre a escola? **Revista Educação**: Santa Maria, v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/29624> Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Sandro Vinícius Sales; SILVA, Isabel de Oliveira e. Relações de gênero na Educação Infantil: estrutura e agência no processo de construção de sentidos sobre ser menino e ser menina. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e69973, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/69973> Acesso em: 21 jul. 2021.

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. "O que você quer ser quando crescer?". Escolarização e gênero entre crianças de camadas populares urbanas. **Revista brasileira Estudos pedagógicos** (online), Brasília, v. 97, n. 245, p. 179-194, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/FzIHcfsSPs93DP8bbFg5ypF/abstract/?lang=pt> Acesso em: 21 jul.2021.

SILVA, Tarcia Regina da. Que cor é a minha cor? A autoidentificação racial das crianças na educação infantil. **Anais da 38ª Reunião da ANPED**: São Luiz, 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT07_638.pdf Acesso em: 21 jul. 2021.

SILVA, Rita de Cácia Oenning da. Quem conta um conto aumenta muito mais que um ponto: narrativa, produção de si e gênero na produção fílmica com crianças pequenas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1069-1088, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1069> Acesso em: 21 jul. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TÉRCIO, Daniel. Arquivar performances ou os paradoxos do corpo-arquivo. **Repertório**, Salvador, ano 20, n.28, p.93-107, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/25001#:~:text=Em%20primeiro%20lugar%2C%20ao%20convocar,duas%20%E2%80%9Centidades%E2%80%9D%20aparentemente%20divergentes.> Acesso em: 21 jul.2021.

WOLLZ, Larissa Escarce Bento; FERREIRA, Francisco Romão. As infâncias e as brincadeiras do e no campo: a vivência e a participação em um movimento social. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2017. Disponível em <https://sumarios.org/artigo/inf%C3%A2ncias-e-brincadeiras-do-e-no-campo-viv%C3%A2ncia-e-participa%C3%A7%C3%A3o-em-um-movimento-social> Acesso em: 21 jul. 2021.